

32º Encontro Anual da Anpocs

GT 16: Do ponto de vista das crianças – pesquisas recentes em ciências sociais

O Brasil de Ségur e Verne – transferências e apropriações de modelos culturais para a infância

Andréa Borges Leão – Universidade Federal do Ceará

Introdução

O dado norteador dos estudos da literatura brasileira desde os tempos da independência política, foi o caráter postiço, imitado e inautêntico de nossa vida cultural. Mesmo após a afirmação do projeto romântico de criação de uma literatura brasileira solidária à criação da própria nação, os intelectuais lançavam-se incansáveis na denúncia do transplante e da recepção por imitação de idéias e produtos importados. A solução para o mal-estar intelectual causado seria, óbvio, nova busca dos princípios da autenticidade e originalidade da nação e das características da literatura brasileira. Sendo assim, o problema nacional era o centro de gravidade do trabalho crítico e a retórica nacionalista era acessível e estava disponível a todos os agentes que participavam da escrita, edição e comércio dos livros, dos escritores aos livreiros.

A produção de livros para crianças enfrenta problema de ordem semelhante. Até a primeira metade do século XX, o principal obstáculo a vencer era o largo sucesso das importações e traduções dos clássicos da literatura infantil europeia. E não apenas de textos portugueses consagrados, como os livros traduzidos que vinham de Lisboa ou do Porto, mas principalmente dos livros franceses, como os famosos *Contos de Perrault*, os romances de aventura da Condessa de Ségur e os romances de viagens de Júlio Verne.

Os primeiros livros para a infância produzidos no Brasil, a exemplo das versões dos contos de Perrault e Grimm feitas por Figueiredo Pimentel para a Livraria Quaresma, em finais do século XIX, passam a difundir uma espécie de nacionalismo ressentido. Sob essa ótica, a ficção para crianças deveria afirmar-se por meio dos embates travados contra as outras tradições nacionais, sobretudo as europeias.

Mas, traduzir e adaptar textos são formas de apropriação cultural. Se partirmos deste conceito, que considera as relações estabelecidas entre o texto, sua edição e o

mundo de seus leitores – as categorias de percepção e apreciação estéticas -, o ponto de vista sobre a formação literária desloca-se para uma análise comparativa da circulação internacional das idéias e das transferências culturais. A perspectiva deste trabalho é oferecer uma alternativa ao argumento que justifica a presença dos autores franceses na história da literatura infantil brasileira como um projeto de pura e simples imposição editorial e, em conseqüência, de alienação na recepção dos produtos. Seu objetivo principal é analisar o movimento de internacionalização dos modelos culturais para a infância, considerando os modos de recepção diferenciados entre o universo de partida e o de chegada dos textos. Essas transferências permitiram o acúmulo de capital simbólico necessário à autonomização da literatura nacional.

Quais são os textos que merecem circular de uma tradição nacional a outra? A história da edição infantil pode oferecer valiosas pistas. Outras podem ser abertas pelo jogo das trocas e a imaginação sobre o Brasil na literatura para jovens franceses. Emblemática da primeira produção são as traduções e adaptações da escritora Sophie de Ségur. A obra seguriana encontrou longevidade e sucesso de vendas que desperta a atenção dos pesquisadores. As sucessivas recriações da trilogia *As meninas exemplares*, *Os desastres de Sofia* e *As Férias* permanecem nos catálogos das editoras por mais de um século, portanto, empolgando os leitores, oferecendo modelos de identificação e pactos de leitura. Esse “boom” editorial elucida tanto as linhas de força internacional e as estratégias expansionistas para a América Latina, como as alianças no Brasil da Livraria Hachette, de Paris, primeira empresa responsável pela difusão da obra da autora. Na outra ponta da produção, a invenção do Brasil para o público infantil e juvenil europeu, encontra-se o livro *A Jangada – oitocentas léguas pelo Amazonas*, de Júlio Verne, publicado em 1881, na Biblioteca de Educação e Recreação de Pierre Jules Hetzel, que conta a história de uma família em viagem pela Amazônia, partindo de Iquitos, no Peru, rumo à cidade de Belém.

Afinal, o que está na base das edições para o leitor em formação? É uma propriedade desse gênero do impresso permitir o encontro ou a descoberta de sentimentos capazes de consumir uma ação. Uma outra característica é fazer da leitura um vetor para a passagem das regras e controles sociais a autocontroles, levando o sociólogo aos modos de formação das disposições elementares e duráveis de um *habitus* leitor. O ponto de partida adotado na análise são as operações editoriais que agrupam os diversos títulos em coleções ou bibliotecas e difundem, no caso da edição francesa,

simultaneamente ao público francês e brasileiro um projeto comum de formação do *habitus* leitor. Em seguida, são examinados os princípios pedagógicos veiculados pelas edições e pelas histórias, as palavras de advertência dos produtores, os protocolos de autoria e edição, bem como as representações dos heróis e de suas aventuras, as redes de interdependência nas quais se movem e que acabam correspondendo ao mundo dos leitores, ou, que podem surpreender ao possibilitar a antecipação de novas figurações culturais.

A perspectiva analítica adotada face aos autores, editores e obras é o da História Cultural¹. Associando a categoria de representação do mundo social aos modos de produção, difusão e apropriação dos objetos culturais, essa abordagem privilegia, na análise do trabalho de construção dos significados das obras, o estudo dos processos a partir dos quais os textos conhecem sua publicidade.

1. A longa história editorial de Júlio Verne e Sophie de Ségur no Brasil

Em 1907, dois anos após a morte de Júlio Verne, o poeta Olavo Bilac publica uma crônica em que compara o gesto de um jovem leitor que encontrara em uma sala da Biblioteca Nacional com os usos que ele fazia dos livros do autor francês nos intervalos das aulas no colégio do Cônego Belmonte. O objeto da leitura, observada e lembrada, é o romance *Viagem à roda da lua*. A cena da leitura na biblioteca, a entrega do “corpo leitor”, o passar sôfrego das páginas de aventura e a tensão que contorcia a face ante a aproximação do desenlace final, evocava ao poeta o modo como a *Viagem* entrara e fora apropriada na sua escola primária².

Chegado o tempo do aprendizado da leitura, Olavo Bilac conheceu os rigores da educação imperial marcada pelo regime dos castigos físicos, da prisão na sala de aula, da vigilância do bedel enquanto o professor lia jornal e cheirava rapé. Os alunos aprendiam sob a ameaça dos instrumentos do castigo, como a palmatória. Bilac vivia sonhando com os intervalos das aulas, as férias e o término do cativo escolar. Era assim que com frequência partia em viagens de descobertas inesquecíveis da natureza e da ciência, na companhia de Júlio Verne. “Quase morri de frio no pólo, de fome numa ilha deserta, de

¹ Sobre o tema, consultar, entre outros livros, de Roger Chartier: Por uma Sociologia Histórica das práticas culturais, in: História Cultural – entre práticas e representações. Rio de Janeiro: editora Difel, 1990.

² BILAC, 1996, pp. 726-279.

sede numa árida solidão do centro da África, de falta de ar no fundo da terra, de deslumbramento na proximidade da lua!”³.

A narrativa da iniciação literária de Bilac é contundente sobre as difíceis relações entre literatura e escola na sociedade imperial. O poeta nos diz que Verne não fora adotado nos currículos de Geografia ou História, suas invenções não eram classificadas como ciência e, por isso, não poderiam complementar os conhecimentos escolares. Os agentes educacionais demonstravam atitudes de “desconfiança e reticência”, na feliz expressão de Anne-Marie Chartier (2004), diante dos textos de ficção e demonstravam, igualmente, pouco interesse em oferecer uma cultura literária aos alunos. Ou, talvez, não lhes importasse o ensino, por exemplo, das medições da distância entre a lua e a terra partindo da imaginação do romancista. Ou ainda, como lembra Antonio Augusto Gomes Batista (2006), se uma das finalidades dos livros de leitura adotados na instrução elementar do século XIX era a formação do espírito das crianças e a fixação de um modo de representar a nação, alguns anos de publicação deveriam ser cumpridos para que a obras literárias francesas fossem selecionadas para a formação escolar das crianças e jovens brasileiros. Viagens maravilhosas ao centro da terra, deslocamentos pelos ares em balões e pelos rios tropicais em frágeis jangadas, mesmo a novidade das estradas de ferro, podem até se aproximar das viagens de descobrimentos, mas não são o mesmo que expedições científicas. A *Viagem*, recorda Bilac, corria sorrateiramente de mão em mão como um passatempo enquanto os professores dormiam ou liam seus jornais. Graças a Verne o poeta, então, “fugia, num surto vitorioso, deste mundo que me aborrecia, e entrava, cantando, vestido de luz, sorrindo, delirando, nos mundos radiantes que a sua piedade abria à minha imaginação”⁴.

Apesar de Júlio Verne não ter sido acolhido nos colégios imperiais⁵, em fins do século XIX, as publicações de suas primeiras traduções para o português tornava-o referência para a formação literária de jovens leitores apaixonados pelos clássicos europeus. Enquanto a escola rejeitava-o vários títulos do autor compunham as coleções de livros juvenis organizadas pelas editoras portuguesas e franco-brasileiras e eram oferecidos para o consumo das famílias criando, assim, um mercado para a literatura

³ BILAC, 1996, p. 728.

⁴ BILAC, 1996, p. 728.

⁵ Anne-Marie Chartier, (2004, p. 124) nos chama a atenção para os riscos das ilusões retrospectivas quando investigamos a presença, no século XIX, da literatura infantil na escola. Na França, de acordo com a autora, apenas em 2002 a literatura para crianças e jovens toma parte de modo oficial e explícito das disciplinas escolares obrigatórias. Notadamente, nos programas do ministro Jacques Lang.

juvenil no Brasil fora da prática estritamente escolar da leitura. Nesse movimento, destacam-se a Biblioteca das Viagens Maravilhosas aos Mundos Conhecidos e Desconhecidos, do editor português David Corazzi, e a Coleção de Viagens, do livreiro-editor Baptiste Louis Garnier, um comerciante francês que migrara para o Rio de Janeiro em 1844 e especializara-se no negócio do livro importado. Garnier foi o introdutor, em grande escala, da literatura infantil e juvenil francesa no Brasil.

É longa a carreira editorial de Júlio Verne no Brasil. Em 1876, Garnier publica *A Ilha misteriosa – O Segredo da Ilha*, em tradução de Fantasio, que podia ser tanto um pseudônimo de Joaquim Carlos Travassos ou do poeta simbolista Guimarães Passos. No catálogo da editora para esse mesmo ano, havia ainda 16 títulos de Verne *Os Filhos do Capitão Grant*, *Ao Redor da lua*, *Da terra à lua*, *Cinco semanas em um balão*, *Viagem ao centro da terra*, *Viagens e aventuras do Capitão Hatteras*, entre outros. No catálogo para o ano de 1883, encontramos mais uma tradução de J. M. Vaz Pinto Coelho do livro *Os viajantes do século XIX*. O exame dos documentos da livraria carioca de Baptiste Louis Garnier nos chama a atenção para as relações comerciais entre o francês e o editor de Verne em Paris, Pierre Jules Hetzel, que, por sua vez, tinha todo o interesse e cuidado na expansão de seus negócios para a América do Sul, como bem aponta Jean-Yves Mollier (1988, 2001). No livro *Doutor Ox*, traduzido por Salvador de Mendonça, Garnier publica um pequeno texto intitulado “Advertência do Editor”, escrito pelo próprio Hetzel. O editor francês justifica aos leitores brasileiros a presença na coleção Viagens Extraordinárias das narrativas de excursão aos Alpes franceses escritas por Paulo Verne, irmão do célebre romancista: “Deste conjuncto resulta um volume cujos elementos são variadíssimos, misto de concepções reais, phantasticas e imaginarias, que esperamos que os leitores acolham benevolmente”⁶. Assim, Hetzel apresentava as montanhas francesas aos jovens leitores brasileiros já apaixonados pelas traduções dos clássicos europeus .

Júlio Verne também fez parte das coleções do editor lisboeta David Corazzi. Os livros vindos de Portugal, em que pesem sua aceitação e sucesso comercial, eram visto pelos livreiros-editores brasileiros com maus olhos, uma vez que esses profissionais estavam empenhados na nacionalização do livro. No mercado dos livros destinados às crianças e jovens, para uso escolar ou diversão, predominavam as versões nacionais dos

⁶ Advertência do Editor, in: VERNE, Júlio. *Dr. Ox*. Tradução de Salvador de Mendonça. B. L. Garnier Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, 18 ... s/d.

originais franceses e, até, portugueses, sob a orientação de professores brasileiros. Ora, as operações de tradução que orientam a passagem dos textos de um espaço nacional a outro não são meras trocas lingüísticas que se equivalem. As traduções são exercícios de relações específicas de dominação entre diversos agentes e instituições, configurando desigualmente um campo literário internacional, esclarece Pascale Casanova (2002). O mundo do livro produz seus sistemas de classificações e hierarquias de valores os quais, de acordo com Gustavo Sorá (2003, p. 53), sustentam-se “através de uma forma particular de dominação simbólica transmitida pela identificação da literatura aos sistemas nacionais e pela construção literária de estilos para pensar a nação e seu lugar no mundo”⁷. A literatura, continua o sociólogo, é “reconhecida como nacional por definição e é necessariamente internacional por condição” (2003, p. 53).

Ainda que os romances de Júlio Verne tenham dado início a um processo de acumulação de capital literário necessário à organização e autonomização da literatura infantil e juvenil brasileira — seus livros vinham de uma nação literária mais antiga e mais bem dotada, detentora de clássicos reconhecidos universalmente⁸ — era necessário marcar distinção, sobretudo com as edições portuguesas. Em inícios do século XX, a Livraria carioca Francisco Alves forma, com a tradução brasileira da obra de Júlio Verne, sua coleção de Viagens Maravilhosas.

O trabalho de tradução, que foi um abre-te sésamo do mundo do livro infantil e juvenil, deve muito ao professor do colégio Pedro II, Carlos Jansen, bem como ao escritor Figueiredo Pimentel. O primeiro foi responsável por toda a coleção da Biblioteca da Juventude da Editora Laemmert; o segundo foi um dos protagonistas da nacionalização do livro infantil no Brasil. O fato é que as adaptações das obras de Júlio Verne, Cervantes e Alexandre Dumas, de Swift, La Fontaine, os contos de Grimm, Perrault e Andersen compunham a maior parte das leituras de crianças e jovens. Esse público lia os contos das *Mil e uma Noites*, prefaciados por Machado de Assis, as muitas edições do *Robinson Crusóé*, das *Viagens de Guliver*, e do *D. Quixote de La Mancha*, redigidas e contadas por Carlos Jansen⁹.

É ainda marcante a presença de Verne na imprensa infantil brasileira, a exemplo da seção Viagens e Aventuras do Semanário ilustrado *O Tico-Tico*, evidenciando-se uma

⁷ Neste estudo, Gustavo Sorá trata das traduções dos livros brasileiros na Argentina.

⁸ Sobre o assunto, consultar: CASANOVA, 2002.

⁹ Anúncio da Bibliotheca da Juventude da Livraria Laemmert, publicado no jornal carioca *O Malho* de 27 de setembro de 1902.

lógica para as adaptações: disfarçar os conhecimentos difundidos pelo autor em brincadeira, na forma de histórias em quadrinhos.

Nos anos setenta, a gráfica Tecnoprint e as Edições de Ouro, antecessoras do grupo Ediouro de comunicações, passam a publicar em pequenos formatos os romances de Verne nas coleções Calouro e Elefante, com traduções de Marques Rebelo e Carlos Heitor Cony, destinada aos jovens de até 17 anos. Vale frisar que os livros do autor permanecem no catálogo da Ediouro até hoje.

É igualmente longa a história editorial dos livros de Sophie de Ségur, a Condessa de Ségur, no Brasil. Em fins do século XIX, eram vendidos no original francês pela livraria Garnier. Em Paris, os editores da Aillaud publicam, em 1872, a tradução portuguesa do romance *Que amor de criança*, que entregam aos Lallemand Frères, de Lisboa e, em 1874, enviam a São Paulo *Os desastres de Sofia e As meninas exemplares*¹⁰. A trilogia composta pelos livros *Os desastres de Sofia*, *As meninas exemplares* e *As férias*, teve sua primeira tradução brasileira a cargo da livraria Francisco Alves, em inícios do século XX. Esta empresa, já tendo incorporado os fundos da livraria parisiense Aillaud, adquire da Editora Hachette os direitos de tradução da Biblioteca Rosa Ilustrada. Anos após, aparecem as versões de Arnaldo Oliveira Barreto e de Miriam Gaspar de Almeida para a Biblioteca Infantil da Editora Melhoramentos. Em seguida, surgem as adaptações da professora paulista Virgínia Silva Lefèvre e de Sônia Maria Penteadó Piza, para a Editora do Brasil. David Jardim Júnior inaugura a obra seguriana na Biblioteca Infantil de Ouro das Edições de Ouro, da então chamada Gráfica Tecnoprint. Marita Lima, no Rio de Janeiro, adapta o livro *O Albergue do anjo da guarda*, para a Editora Scala na Coleção Madrigal, em fins dos anos sessenta. Somente na década de setenta, a obra da Condessa de Ségur ganha maior estabilidade com as recriações de Herberto Sales, até hoje mantidas no catálogo da Ediouro.

A carreira internacional da Condessa de Ségur em muito se beneficiou da atração que a cultura francesa exercia sobre os intelectuais dos outros países da Europa, assim como os da América. De acordo com Isabel Vila Maior (2201, p. 248), é nesse quadro que aparecem as primeiras traduções da autora em Portugal, que ficam a cargo das casas francesas instaladas em Lisboa, como a Aillaud e Bertrand.

¹⁰ RENONCIAT, 2001, p. 220.

É interessante notar que, no Brasil, as adaptações surgem depois dos anos trinta, quando a Biblioteca Rosa Ilustrada perde a exclusividade de reedição dos vinte contos e romances da Condessa. Quer dizer, a partir dessa data a obra da autora cai em domínio público, ficando, desse modo, mais fácil com ela compor as coleções de clássicos infantis.

A partir dos anos setenta, os títulos da Condessa publicados pela Tecnoprint na coleção Calouro e, em formato menor, na Coleção Baleia Bacana são: *A desastrada Sofia* ou *Os desastres de Sofia*; *As meninas modelares* ou *As meninas exemplares*; *As férias*; *Memórias de um burro*; *João que chora*, *João que ri*; *O bom diabinho* ou *O bom capeta*; *O General Dourakine* e *A morada do Anjo da guarda*.

Uma linha constante na longa trajetória e extenso catálogo da antiga Gráfica Tecnoprint é a publicação dos clássicos da literatura brasileira e universal, com a captação de títulos já caídos em domínio público. Gustavo Sorá (1997, p. 156) nos lembra que a Ediouro é uma das editoras brasileiras de grande porte — leia-se grande volume de vendas — que se situam no limite das empresas de vulgarização e de curto ciclo de vida. Essas empresas têm como marca distintiva a orientação para investimentos de curto prazo com retornos financeiros relativamente imediatos e garantidos. Elas são o oposto das empresas culturais, que investem nos riscos das apostas de retorno em longos prazos. Os dois esquemas distintivos, domínios de lógicas exclusivamente econômicas ou simbólicas, encontram correspondência na escolha dos autores e dos títulos a publicar e, em consequência, na previsão do público.

É na posição das altas consagrações conquistadas no curso da história editorial francesa, erigidas ao cânone de clássicos universais da literatura infantil e juvenil, que as obras da Condessa de Ségur e de Julio Verne entram para as Coleções Calouro e Elefante, e para o selo Edições de Ouro. Desse modo, as fortunas seguriana e verniana são definidas na relação entre as lógicas econômica e simbólica.

Os protocolos presentes nos livros da Condessa, como as notas introdutórias e advertências dos editores, indicam a destinação para o uso escolar — portanto, a uma esfera da cultura legítima —, na pretensão de conciliar o aprendizado da língua com o prazer da leitura, a diversão com a instrução, nas recriações de autores de reconhecida excelência, como Herberto Sales. Mas, isso não impede a inserção da coleção nas estratégias de venda massiva, como atestam, a partir dos anos setenta, os baixos preços de capa e a padronização técnica dos livros de Ségur e Verne, marcas dos *best sellers*.

2. Modelos culturais para a infância

2.1 O romance pedagógico da Condessa de Ségur

Como vimos, a presença de Júlio Verne e Sophie de Ségur no Brasil é longa e de largo alcance, passando por diversos ciclos de publicação, cativando novos e fiéis leitores. Se as intervenções editoriais e as práticas literárias determinam-se mutuamente, não podemos perder de vista que toda história da edição é necessariamente uma história da produção da leitura e dos leitores. No final das contas, a edição de livros é simultaneamente negócio e prática cultural e envolve todos os agentes implicados nos circuitos dos bens e objetos, da produção à circulação e recepção.

A obra da Condessa de Ségur ocupa lugar de honra na história editorial francesa. Os contos e romances de Sophie de Ségur são inicialmente publicados em folhetins na revista *Semaine des enfants*. Em 1857, a Livraria Hachette organiza-os em uma coleção, a Biblioteca Rosa Ilustrada e, a partir dela, inaugura um novo sistema comercial de distribuição de livros — a venda nos quiosques das estações de trens. Sophie escrevia sob a demanda dos editores¹¹. Suas estratégias narrativas coincidiam com as estratégias editoriais de Émile Templier e Louis Hachette. Os dois pólos da produção portavam o mesmo projeto pedagógico que se configurava entre a nostalgia do velho regime e o fascínio pelas novidades vindas com a ordem social burguesa.

Os romances da Condessa compõem-se de histórias que falam das relações no universo familiar e que fixam modelos e contra-modelos de infância, passando pelas brincadeiras, travessuras e rivalidades entre irmãos e primos, com temas sobre a orfandade e o acolhimento, a piedade religiosa e os salões mundanos, entre outros fatos e lições da rotina nos velhos castelos europeus. As histórias são ambientadas no château de Fleurville, durante as férias escolares dos primos Sofia, Camila, Madalena e Paulo, sempre acompanhados de suas mães Madame de Réan, Madame de Fleurville e Madame D'Aubert, além dos empregados — os cozinheiros, os jardineiros e as *bonnes*. Essas últimas, quando vertidas e adaptadas ao universo das relações sociais brasileiras, tornam-se as conhecidas babás. As histórias da Condessa mais parecem fábulas morais. Na verdade, apresentam uma proposta de formação dos valores e de educação sentimental das crianças que, a cada publicação e a cada tradução, assumem as feições dos

¹¹ Kreyder, 2005.

comportamentos e das representações próprias aos destinatários. Mas nem sempre os aprendizados por meio do castigo, do arrependimento e da obediência triunfam. Os livros da Condessa podem simplesmente atender às demandas do público por divertimento e lazer. Ilustrativa é esta advertência do editor para a tradução de Herberto Sales dos livros *Sofia, a Desastrada*, *As Meninas Exemplares* e *As Férias*, publicados pela Ediouro: “Com as livres adaptações do romancista Herberto Sales, procuramos dar às histórias um interesse novo de leitura, sem prejuízo do espírito com que foram criadas e que é aqui preservado na sua essência”.

Sophie Rostopchine nasceu no seio de uma família da alta aristocracia russa, na cidade de São Petersburgo, no dia primeiro de agosto de 1799. Com as três irmãs, viveu os anos da infância em uma grande propriedade situada em Voronovo, lendo e escrevendo. O pai, o conde Rostopchine, foi ministro do Czar Paulo I — que, aliás, era padrinho de Sophie — e governador de Moscou. Em 1812, ante a invasão dos soldados do exército de Napoleão, o conde defende a capital ordenando que a incendeiem. Essa contingência acabou determinando a fuga da família para Paris. Antes da partida, o conde Rostopchine não deixa de botar fogo na propriedade de Voronovo. Em 1819, Sophie casa-se com o filho de uma velha família da nobreza francesa, o conde de Ségur, com quem tem oito filhos que lhe dão dezenove netos. Esses netos são as fontes de trabalho e inspiração de uma Sophie tornada velha dama reclusa em um castelo nos domínios de Nouettes, na Normandia francesa, onde morou por meio século de vida. Sophie converte-se às letras tardiamente, aos cinquenta e dois anos de idade. Para ela, a literatura é uma experiência da velhice e da consciência da aproximação da morte¹². Profundamente católica, amiga do ultramontanista Luís Veuillot, a Condessa de Ségur publica ao todo vinte livros destinados à instrução e à distração das crianças¹³. A escritora morre em Paris, em 1874.

Suas netas, Camille e Madaleine de Malaret, estão na origem da criação dos personagens. A elas, a Condessa dedica *As meninas exemplares*, o segundo volume da sua famosa trilogia. Mas as bonecas de porcelana e de cera também servem como modelos para as heroínas. O primeiro livro da trilogia, *Les malheurs de Sophie* — no Brasil com os títulos de *A desastrada Sofia* e *Os desastres de Sofia* — é dedicado a sua netinha Elizabeth Fresneau. A personagem Sofia inaugura um tipo literário que na cultura

¹² Idem, 2005, p. 54.

¹³ Piffault (org.), *Il était une fois ...* Biblioteca Nacional da França, 2001.

francesa é chamado *l'enfant diable* e que, entre nós, significa a criança levada, desobediente e brincalhona, que desafia riscos e testa os limites. As aventuras de Sofia giram em torno de uma heroína transgressiva, meio glutona, que rouba frutas do pomar, derrete a boneca de cera no calor do sol, cria confusão e provoca brigas e pancadas entre os companheiros. No primeiro livro, sua mãe está sempre disposta a perdoar; a partir do segundo, a heroína fica órfã e ganha uma madrasta mesquinha e vingativa.

Mas a heroína Sofia não é o modelo exemplar da criança obediente às prescrições do bom comportamento difundidas pelos personagens adultos. Se a cada desobediência recebia um conselho de sua mãe ou babá, como no episódio em que resolve brincar de cozinheira cortando os peixinhos do aquário para uma salada, as lições não são inteiramente assimiladas e, como em uma cadeia de asneiras, recomeça tudo de novo. Quer dizer, a menina recebe o castigo mas não aproveita a lição. O narrador melhor explica a fórmula das desventuras de Sofia na narrativa *O pinto e o Gavião*:

A cada desobediência de Sofia sucedia um conselho da Sra. De Réan, que ela prometia seguir fielmente, mas não seguia. E se o conselho era antecipado, visando a prevenir o erro, na verdade só fazia provocá-lo – porque Sofia de qualquer maneira desobedecia

Sofia é contemporânea da heroína Alice, de *Alice no país das maravilhas*, e um pouco mais velha que a personagem Emília, de Monteiro Lobato. Durante muitos anos, *Os desastres de Sofia* foi o livro preferido das crianças, na França e no exterior, como atestam as suas inúmeras traduções e adaptações.

Sophie de Ségur fazia dos netos o primeiro comitê de leitura. A eles, dedicava uma leitura em voz alta dos manuscritos antes da entrega aos editores. Para Jean-Yves Mollier¹⁴, o percurso editorial da obra seguriana não pode ser visto fora da configuração política e judicial do Segundo Império, que impunha ao negócio do livro uma rígida censura prévia à publicação. As próprias companhias ferroviárias acompanhavam de perto o movimento e o conteúdo do que era vendido nas butiques das *gares*, a direção das companhias encomendava aos funcionários a elaboração de relatórios detalhados sobre as coleções. Nessa economia do controle o que porventura ferisse os ouvidos cristãos jamais entraria em um volume destinado às crianças.

Assim, apresentava-se a coleção Calouro, das Edições de Ouro:

¹⁴ Mollier, 2001.

Coleção Calouro (Cultura de Ouro para a juventude). As maiores obras da literatura universal reescritas por grandes escritores brasileiros como Adonias Filho, Paulo Mendes Campos, Herberto Sales, Carlos Heitor Cony, Orígenes Lessa, Miécio Táti, Maria Clara Machado, Stella Leonardos, Marques Rebelo e muitos outros¹⁵.

Em seguida, os editores listavam as obras que compunham a coleção, justificando um princípio organizador, autores clássicos da literatura oferecidos à leitura infantil e juvenil, ao mesmo tempo em que esclareciam a escolha da trilogia da Condessa de Ségur:

A cabana do Pai Tomás; A cabeça de Medusa (lendas gregas); A Eneida de Virgílio; A Ilha do Coral; A Ilha do Tesouro; A Ilíada de Homero; Alegres aventuras de Robin Hood; Alice no país das maravilhas; A máquina do tempo; A metamorfose; A morte de Ivan Ilitch; A noiva ou o tigre?; A Odisséia de Homero; As férias; As filhas do Dr. March; As meninas exemplares; As minas de Salomão; A tulipa negra; As aventuras de Huck; Aventuras de Tom Sawyer; Aventuras do Barão de Münchhausen; A volta ao mundo em 80 dias; Bambi; Chamado Selvagem, entre outros volumes.

Sofia, a desastrada, foi selecionada para a Coleção Calouro por que: Toda a obra da autora merece ser lida e merece ser recomendada porque continua divertida e interessante até hoje; este volume juntamente com As meninas exemplares e As férias, forma uma trilogia. Sofia aparece nas três obras¹⁶.

Além de Sophie de Ségur, com textos em português de Herberto Sales, havia ainda na coleção Balzac, Alphonse Daudet e Dante, com tradução e adaptação de Marques Rebelo, Théophile Gautier, na versão de Rachel de Queirós, Beaumarchais, com texto de Cora Rónai Vieira e Paulo Rónai, Thomas Hardy, na recriação de Octávio de Faria, Tove Jansson, por Carlos Heitor Cony e Astri Lindgren, recontada por Lúcia Machado de Almeida¹⁷.

O selo Edições de Ouro, no qual se inscrevia a Calouro, oferecia ainda outras coleções de clássicos para crianças: a Elefante, que incluía livros escritos por autores brasileiros, como Orígenes Lessa, Ganymédes José, Carlos Heitor Cony, Menotti Del Picchia e Pedro Bloch e a Baleia Bacana, composta também com a obra da Condessa.

Um princípio de formação das coleções é a garantia da leitura seqüenciada, o que explica a diversidade de gêneros e aparente dispersão na escolha dos títulos para a composição do conjunto. Na advertência aos leitores do livro *Sofia, a desastrada*, lê-se: “

¹⁵ *Sofia, a desastrada*, Edições de Ouro, Tecnoprint Gráfica S. A, 1970.

¹⁶ *Sofia, a desastrada*, Edições de Ouro, Tecnoprint Gráfica S. A, 1970.

¹⁷ Idem, 1970.

... Embora possam ser lidos independentemente, a leitura seqüenciada dos três (volumes da trilogia) é indispensável para a sua melhor compreensão. Integram, agora, a Coleção Calouro, em livres adaptações do romancista Herberto Sales.”

Cada livro traz, na primeira página de rosto —, são várias páginas com informações técnicas —, a imagem estilizada da Condessa, e na próxima, comenta “a vida da autora”, que são dados de sua biografia, com o elogio dos editores: “A obra da Condessa de Ségur figura entre as mais importantes da literatura infantil. Suas histórias têm encantado gerações não só pela beleza de seus conteúdos como pelo elevado ensinamento moral que encerram”.

Uma outra marca das coleções é a apresentação da biografia e do trabalho pedagógico dos agentes preocupados com o vocabulário e o senso moral das crianças e que têm a responsabilidade de separar a leitura adulta da leitura infantil, como os adaptadores e os professores.

2.2 O Brasil de Júlio Verne

Como ponto de partida, deve-se considerar que o romance de aventura de Júlio Verne põe em movimento modelos de civilidade. Esses modelos podem ser assimilados por meio de um pacto de identificação e reconhecimento entre as intenções do autor e as categorias de compreensão e julgamento do mundo postas em funcionamento nas apropriações dos leitores. Com isso, a leitura possibilita o exercício da autoregulação individual e o aprendizado da diferenciação das funções sociais na teia que enreda os personagens. Podemos, então, iniciar a interpretação do romance *A Jangada* pela teoria dos processos de civilização elaborada por Norbert Elias (1994).

Nesta perspectiva, os livros juvenis constituem-se suportes de regulação dos impulsos e modelagem da personalidade dos leitores, acabando por operar, de modo suave e imperceptível, transformações nas condutas. Essas modelações acontecem — seguindo o caminho analítico aberto pelo sociólogo — em configurações sociais e na direção de uma crescente centralização de domínios e autodomínios específicos. A modelação da personalidade de um indivíduo assim como o refreamento de seus sentimentos, mesmo se considerados no curto espaço de uma biografia, acompanham as lentas transformações das sociedades. O desafio maior é compreender como clássicos universais da literatura atravessam e sobrevivem a vários ciclos de publicação sem deixar

de corresponder às expectativas de leitores historicamente configurados, ainda que partes de processos graduais, interdependentes e contínuos de mudança.

Afinal, os livros são objetos cujas formas psicológicas ou estruturas da personalidade dos produtores e leitores encontram expressão nos contratos de leitura — que são laços sociais — reciprocamente estabelecidos entre eles. Os livros, sobretudo os destinados aos leitores em formação, são utensílios culturais que melhor fazem o elo entre as estruturas mentais e as figurações sociais, entre a psicogênese e a sociogênese¹⁸.

Tudo leva a crer que os escritores que destinam suas obras às crianças e aos jovens são cômicos da dimensão e eficácia pedagógica de seus trabalhos. Nem tanto no sentido da transmissão deliberada de conhecimentos e explicações, mas das funções de formação que cada livro se atribui. De acordo com Michel Riaudel (2003, p. 355), Júlio Verne, ao escrever *A Jangada*, um romance ambientado no Brasil de 1852 (o livro foi publicado em 1881), tinha em mente apresentar ao público de jovens leitores franceses “o contexto político, a missão pedagógica e a força do imaginário”. A primeira pista fica por conta do encontro de Júlio Verne, na França, com Gaston D’Orleans, o Conde D’Eu, e sua mulher, a princesa Isabel herdeira do Imperador Pedro II. A mesma princesa que apreciava os livros do autor, em 1888, assinou a Lei Áurea. O romance, então, seria uma cortesia diplomática com casa imperial brasileira. Ainda na visão de Riaudel (2003, p. 357), Verne igualmente mostrara-se benevolente com outras questões políticas controversas: “a abertura do rio à navegação internacional e o traçado da fronteira que separava a Guiana Francesa do Brasil”. Essa última questão mobilizou os debates no período em torno de quem melhor poderia civilizar os índios do Amazonas, se os patrões portugueses e brasileiros ou os missionários franceses.

O segundo ponto que pode ter aproximado Verne do Brasil ficava por conta de seu otimismo em relação ao credo positivista da ordem e do progresso e, o que é marca de distinção de sua obra, o entusiasmo que nutria pela difusão dos conhecimentos científicos. Daí, o acúmulo, na trama de *A Jangada*, de informações geográficas, botânicas, zoológicas e culturais. As expedições científicas vararam o continente Sul Americano de ponta a ponta, constituindo-se em operações de classificação e ordenamento de mundos e povos fascinantes e desconhecidos. Mas essas narrativas

¹⁸ Uma interpretação sobre o lugar dos suportes impressos e da educação na teoria dos processos de civilização elaborada por Elias, encontra-se no livro Norbert Elias e a Educação, Leão, 2007.

escritas por europeus também funcionavam como vetores de difusão de diferenças culturais, de outras maneiras de sentir e viver.

Ademais, o mercado editorial conhecia uma verdadeira febre de livros, jornais e revistas de relatos de viagens. Interessava ao editor de Júlio Verne, Pierre-Jules Hetzel, a publicação de livros juvenis, na sua Biblioteca de Educação e Recreação, cujas histórias fossem ambientadas na América Latina, devido principalmente à expansão comercial da livraria francesa para os países sul-americanos. Simone Vierne (1980) nos informa que o logo no primeiro contrato editorial de Verne com a empresa Hetzel havia o compromisso da escrita de romances de vulgarização de conhecimentos científicos, atendendo às necessidades dos leitores da época fascinados pela ciência.

Os livros de viagem acabaram conquistando, por longos anos e vários ciclos de publicações, os jovens escolarizados do Novo Mundo, apaixonados pelas traduções dos clássicos europeus. A literatura francesa convinha não apenas aos livreiros que as comercializavam, mas também aos leitores que encontravam afinidades entre o mundo da ficção e o universo hierárquico e patriarcal que fundamentam seus *habitus* individuais e as relações da sociedade brasileira. Convinha ainda aos livreiros e leitores os modelos de educação das bibliotecas morais e cristãs típicas do antigo regime editorial francês, bem como as bibliotecas de viagens do novo modo de produção do livro na França. Como lembra Anne-Marie Chartier (2004, p. 123), não são poucos os exemplos que ilustram esse processo de construção das nacionalidades literárias por meio da circulação e formação de espaços internacionais de recepção dos livros juvenis: as aventuras de Pinocchio, de Nils Holgerson, de Tom Sawyer ou de Mowgli. Sem esquecer o contemporâneo Harry Potter, que aquece o mercado juvenil de vários países do mundo escolarizado.

A literatura de viagem atraía a curiosidade pelo pitoresco da aventura, realçando a coragem dos marinheiros diante das intempéries na travessia, histórias de naufrágios e descrições romanceadas dos modos de vida e crenças de povos desconhecidos, quase sempre os índios americanos. No século XIX, essa literatura contamina os textos destinados ao público juvenil e, na França, as bibliotecas de educação moral e formação religiosa passam a incluir títulos que se destacam pelas interpretações das comunidades ditas selvagens, indígenas e africanas, oferecendo uma forma de instrução que não

representa perigo para a fé cristã porque fundada nos ritos da conversão, do batismo e do matrimônio¹⁹. Essa forma de instrução não poderia tampouco assustar os leitores.

As descrições metódicas das cinco partes do mundo, Europa, Ásia, África, América e Oceania, os mapas, tratados de geografia, pequenos fragmentos do universo, estimulavam o interesse pela ciência natural, pelas visitas aos museus e pelo convite aos gabinetes, mas, aos olhos desembaraçados de uma criança, as serpentes, monstros e festins antropofágicos deviam em muito mais aguçar os medos e satisfazer a curiosidade. Nesse momento, o descobridor Cristóvão Colombo entra para o panteão dos heróis da juventude e sua história passa a constar nas biografias de crianças célebres, servindo como modelo cultural. A Europa testemunha o nascimento de uma paixão romântica e juvenil pelo exotismo tropical. “Inaugura-se, assim, um discurso que constituirá imagens de Brasil; primeiramente para os europeus e, posteriormente para os brasileiros, que construirão sua identidade num diálogo incessante com as informações e juízos nele elaborados”, como bem sintetiza Márcia Abreu (2006, p. 228).

No gênero viagem, Júlio Verne foi mestre incontestado. São célebres suas narrativas de viagens tropicais, deslocamentos e construção de Novos Mundos, a exemplo dos romances *Os filhos do Capitão Grant na América do Sul* (1868) e *Le Chancellor* (1875), sobre os povos, rios e mares do novo continente. Verne oferecia imagens recíprocas para os jovens europeus e americanos, aguçando o gosto comum pelo exotismo tropical. As explicações sobre a cultura, a flora e a fauna do Novo Mundo revelam os leitores previstos e até os imprevistos, ambos necessitavam de informações, ansiavam por conhecimentos, mas não abriam mão das peripécias e aventuras. Para além da trama, o que se poderia ensinar e aprender com a leitura de um livro como *A Jangada? A vida, os dias e as noites nos trópicos? A geografia e a vida social nas cidades, povoados e missões banhadas pelo rio Amazonas? O contato com os índios selvagens? A hidrografia do Brasil? Ou tudo isso junto e mais as relações sociais que são como o rio e correm à deriva, com brancos, negros e índios, patrões e empregados, convivendo a bordo da casa flutuante? Um universo cultural comum ligaria, por laços de afinidade na leitura, uma elite intelectual e juvenil do Velho e do Novo Mundo?*

O romance *A Jangada* pode ser lido como uma viagem de aventura e estudos pela selva sul-americana. Os protagonistas, que configuram uma grande família colonial de

¹⁹ Consultar : LEÃO, 2006.

parentes e agregados, composta por portugueses e espanhóis, negros alforriados e índios trabalhadores, sob a proteção do patriarca Joan Garral, partem de uma fazenda situada no povoado de Iquitos, no Peru, e descobrem a Amazônia brasileira a bordo de uma jangada. O objetivo confesso da viagem é o casamento da filha Minha, em Belém do Pará, com Manuel, um médico militar e colega de estudos de seu irmão, Benito. Joan Garral, que na verdade chama-se Joan Dacosta, no entanto, tinha suas razões secretas para viagem ao Brasil: conseguir a revisão de uma sentença que o condenara à morte pela acusação do roubo de uma carga de diamantes vinte e três anos atrás.

Partindo da selva peruana até o oceano Atlântico o trajeto perfazia oitocentas léguas, mais exatamente quatro meses de deslocamento pelas províncias ribeirinhas do Império brasileiro. A viagem, então, acompanha o curso do rio Amazonas, representado como um mar de águas e elo de ligação entre o Peru e o Brasil. Em certas passagens, o romance mais parece uma aula de geografia, noutras assume ares de uma grande aventura, com personagens enfrentando jacarés, cobras elétricas em mergulhos ao fundo do rio e temíveis macacos nas florestas, ou maravilhando-se com as descobertas de pássaros raros, densas árvores e flores selvagens. Chegamos aos modelos culturais disseminados e aos leitores previstos por Verne. O convívio com várias formas de apropriação e com a previsão de vários leitores — aqueles que esperavam do livro alguma instrução e os que buscavam apenas entreter-se ou, ainda, leituras que combinavam aprendizado com diversão — é indício de diferenciação cultural no interior de uma mesma sociedade ou público de leitores.

O nó da intriga de *A Jangada* encontrava-se num documento cifrado que continha a declaração da inocência do patriarca Joan Garral, e de cuja posse o aventureiro Torres, um capitão-do-mato mestiço e semi-bárbaro ou quase selvagem, usava como instrumento de chantagem. Torres, personagem apresentado a Benito e Manuel ainda na fazenda de Iquitos, acabara embarcando na jangada. Daí, o que era convívio pacífico e ordenado entre as três raças purificadas e idealizadas — chefes de família luso-brasileiros, bravos índios e africanos fiéis, que eram os empregados pessoais — passa a ser conflito aberto. O equilíbrio dessa família de viajantes untada por laços de gratidão é rompido justo pelo elemento que representa a mistura das raças, levando a crer que Júlio Verne não demonstrava simpatia à idéia da mestiçagem, associando-a ao desequilíbrio social e ao estado de selvageria. O personagem Torres situava-se próximo à animalidade, sua profissão de capitão-do-mato, caçador de escravos, denunciava-o face aos princípios do

liberalismo e, em consequência, das pressões pela abolição da escravidão no Brasil que tanto provocara os debates na Europa da segunda metade do século XIX. Afinal, a jangada era como uma ilha artificial no estilo Robinson Crusóe, toda feita pelas “próprias mãos” dos personagens. O único horizonte era o rio Amazonas. O perigo que Torres representava aos viajantes só era comparado a um ataque de jacarés ou a uma insurreição de negros ou índios evadidos.

Interessante, neste sentido, é o modo como o narrador configura sociologicamente a jangada. A comunidade de viajantes divide-se em estratos sociais bem demarcados, quanto mais próximos fisicamente, maior o abismo social entre eles, num típico convívio colonial entre patrões e empregados. No centro do “comboio flutuante”, havia uma casa grande finamente decorada e coberta com flores e folhagens. Para os personagens, a casa lembrava um pedaço da fazenda de Iquitos. Em volta, havia um pequeno povoado de malocas — as casas abertas dos índios — e de cabanas dos negros, estas fechadas como as da Europa, lembrando as casas mais habituais entre os leitores. Tudo isso, evidentemente, para os que aceitam de bom grado o contrato proposto pelos produtores do livro, o autor e o editor. Poderia haver quem desconfiasse de todas as prescrições e interpretasse à revelia.

Por outro lado, interessava ao autor diminuir as diferenças entre os universos culturais de seus leitores, aproximando os jovens franceses dos brasileiros. O narrador não cansa de lembrar a mansidão dos índios ribeirinhos do Brasil e de toda a América Central: “os índios que habitavam as margens pertenciam a tribos pacíficas, e os mais ferozes já se haviam retirado com a chegada da civilização, que foi se espalhando ao longo do rio e de seus afluentes” (p. 101). Verne faz, então, uma clara distinção entre os personagens “senhores de si” — homens e mulheres que demonstram autocontrole nas situações extremas, dos quais o autor exalta a razão e o sangue-frio — e pessoas meio bárbaras que são escravizadas pelos instintos e que cometem excessos, os “deixados levar”, ainda que uns dependam dos outros.

São conhecidas as fontes de trabalho e inspiração utilizadas por Júlio Verne para escrever seu romance sobre o Brasil. Ele mesmo faz menção aos cientistas e cronistas que realizaram expedições ao rio Amazonas e dos quais se valeu para a composição da narrativa, como Orellana, no século XVI, o português Pedro Teixeira, em 1636 e 1637, Alexandre de Humboldt e Louis Agassiz, no século XIX. Embora o autor cruzasse

informações nem sempre exatas e cometesse muitos erros de datas, acabou construindo mais uma de suas viagens extraordinárias, uma ficção de invenção do Brasil.

Referências Bibliográficas

ABREU, Márcia. Escrever e pensar sobre o Novo Mundo: escrever e pensar no Novo Mundo. In: Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e América nos séculos XVIII-XX. Organizado por Eliana de Freitas Dutra e Jean-Yves Mollier – São Paulo; Annablume, 2206. BATISTA, Antonio BATISTA, Augusto Gomes. Formação da criança brasileira e a “mais terrível das instabilidades”: um livro de leitura lusitano do século XIX. In: Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e América nos séculos XVIII-XX. Organizado por Eliana de Freitas Dutra e Jean-Yves Mollier – São Paulo; Annablume, 2206.

BILAC, Olavo. Júlio Verne. In: Prosa/Ironia e Piedade. Olavo Bilac: obra reunida. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

CASANOVA, Pascale. A República Mundial das Letras. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

Consécration et accumulation de capital littéraire – la traduction comme échange inégal. In : Actes de la recherche en sciences sociales. 144, Septembre 2002.

CHARTIER, Roger. Por uma Sociologia Histórica das práticas culturais. In: História Cultural, entre práticas e representações. Rio de Janeiro: editora Difel, 1990.

CHARTIER, Anne-Marie. Enseñar a leer y escribir. Una aproximación histórica. México: FCE, 2004.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Uma história dos costumes. Volume I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

LEÃO, Andréa. Norbert Elias e a Educação. Coleção Pensadores e Educação, volume 11. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

KREYDER, Laura. Sophie, vieille enfant. In: Europe. Revue littéraire mensuelle. La Comtesse de Ségur. N. 914-195, Junho-julho de 2005.

MOLLIER, Jean-Yves. Editer la Comtesse de Ségur ou les ruses de la raison policière. In: Cahiers Robinson – La Comtesse de Ségur et ses alentours. Numéro dirigido por Isabelle Nières – Chevrel. Actes du colloques internacional La Comtesse de Ségur et les romanciéres de la Bibliothèque Rose, Université de Rennes II, 3-4 septembre, 1999. N. 09, 2001.

MOLLIER, Jean-Yves. La construction du système éditorial français et son expansion dans le monde du XVIIIe au XXe siècle. In : Les mutations du livre et de l'éditions dans de monde du XVIIIe siècle à l'an 2000. Actes du Colloque Internacional. Sherbrooke, 2000. Sous la direction de Jacques Michon et Jean-Yves Mollier.

Les mutations de l'espace éditorial français du XVIIIe au XIXe siècle. In : Éditions, Éditeur (1). Actes de la recherche en Sciences Sociales – 126 – 127 – mars, 1999.

L'argent et les lettres – histoire du capitalisme d'édition (1880-1920). Fayar, 1998.

NIÈRES-CHEVREL, Isabelle (org.). Cahiers Robinson – La Comtesse de Ségur et ses alentours. Actes du colloque internacional La Comtesse de Ségur et les romanciéres de la Bibliothèque rose. Université de Rennes II, 3-4 septembre, 1999. N. 09, 2001.

PIFFAUT, D'Olivier (direção). Il était une fois ... Les contes de fées. Paris: Seuil / Bibliothèque Nationale de France, 2001.

RENONCIAT, Annie. Fortune éditoriale de la Comtesse de Ségur (1857 – 1939). In: La Comtesse de Ségur et ses alentours. Numéro dirigido por Isabelle Nières – Chevrel.

RIAUDEL, Michel. O rio palimpsesto : o Amazonas de Júlio Verne, das fontes à ficção. In: Revista USP, Dossiê 13 – Amazônia. Março/abril/maio, 1992.

Actes du colloques internacional La Comtesse de Ségur et les romanciéres de la Bibliothèque Rose, Université de Rennes II, 3-4 septembre, 1999. N. 09, 2001.

SALES, Herberto. Memórias de um burro brasileiro. Obra baseada em “Memórias de um burro”, da Condessa de Ségur. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica S. A. Editora, 1970.

SÉGUR, Condessa de. Sofia, a desastrada, As meninas exemplares e As férias. Tradução e adaptação de Herberto Sales. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

SÉGUR, Condessa de. Sofia, a desastrada. Texto em português de Herberto Sales. Coleção Calouro. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica S. A. Editora, 1970.

- SÉGUR, Condessa de. O General Durakine. Texto em português de Herberto Sales. Coleção Calouro. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica S. A. Editora, 1972.
- SÉGUR, Condessa de. O bom capeta. Texto em português de Herberto Sales. Coleção Baleia Bacana. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica S. A. Editora, 1970.
- SORÁ, Gustavo. Tempo e distâncias na produção editorial de literatura. In: Revista Mana, 151-181, 1997.
- VERNE, Júlio. A Jangada. 800 léguas pelo Amazonas. São Paulo: Planeta, 2003.
- VIERNE, Simone. Hetzel et Jules verne ou L'invention d'un Auteur. In : Europe – Revue Littéraire et Mensuelle, Novembre – Décembre, 1980.
- VILA MAIOR, Isabel. L'oeuvre de la Comtesse de Ségur au Portugal. In: Cahiers Robinson – La Comtesse de Ségur et ses alentours. Número dirigido por Isabelle Nières – Chevrel. Actes du colloques internacional La Comtesse de Ségur et les romanciéres de la Bibliothèque Rose, Université de Rennes II, 3-4 septembre, 1999. N. 09, 2001.